

DOMINGO. 14/4/1963

NÓS E O MUNDO

Maura de Senna Pereira

AS LUAS ANAS

Simultaneamente com a exibição em nossas telas de "O milagre de Ana Sullivan" ("The Miracle Worker") chega a notícia de que a estrela do filme, a esplêndida Anne Bancroft, obteve, pelo seu desempenho sem falhas, o título de "melhor atriz de 1962", conferido pela Academia de Ciências e Artes Cinematográficas, e, consequentemente a cobiçada estatuetta "Oscar".

Quem recorda Helen Keller, cega, surda e muda desde os primeiros meses de idade e que, não obstante, conseguiu falar sem ouvir o mais leve som, ler e escrever pelo alfabeto Braille, adquirir uma cultura imensa, tornar-se escritora e conferencista e dedicar sua vida aos cegos, surdos e mudos de todos os continentes — tem, forçosamente, de estufar seu nome ao de Anne Sullivan, a preceptora que conseguiu "o milagre".

Quando Helen Keller esteve no Brasil, escrevi, emocionado, sobre sua vida radiosa e registrei a grandeza de sua primeira exclamação, achando-a "voz radiante". (O sol que ela não podia ver e parecia ouvir à sua chegada).

Agora, o cinema nos mostra Helen menina, a selvagemzinha de Alabama, com a sua tri-

plici desgraça e o amor mal orientado de sua família. A jovem Sullivan (ou a Bancroft, com sua beleza grave?) é contratada pelos Keller e o filme reproduz as primeiras lutas da mestre admirável para despertar aquela alma e trazê-la à compreensão da vida e à participação. Lutas, genuíno trabalho, até a vitória do encontro com o mundo exterior através da descoberta da palavra ligada ao seu significado. E a palavra "água" inaugurou a nova Helen, que ia ter um dia o mundo em suas mãos, como desejava pôr e o conseguiu a maravilhosa professora.

Um primor de autenticidade e desempenho de Anne Bancroft, convincente, natural, magnífica no papel de sua heroína. Mas igualmente estupendo o trabalho de Patte Duk, motivo por que também arrebatou o "Oscar", pela primeira vez conferido a uma menina como "a melhor atriz coadjuvante".

Não se trata de filme para assistir mas para ensinar, para nos comunicar a crença na pertinácia e na vontade humana. E neste domingo de páscoa, falando nas heralinas dessa história verdadeira, bem podemos falar em ressurreição.

